

COSMOBIOINTEGRAÇÃO DO CORPO-TERRITÓRIO DO POVO GUERÉM DE TUKUM MIRIM: ENRAIZANDO GEOGRAFIAS INDÍGENAS

**Demison dos Santos Nascimento (Aymoron Tukum Mirim Magnã Kren)¹
Eduardo Oliveira Miranda²**

Resumo

A pesquisa apresenta a cosmobiointegração como fundamento para compreender a relação entre corpo e território no povo Guerém de Tukum Mirim. A partir das vivências observadas na comunidade, especialmente nas práticas cotidianas das mulheres que se integram à terra no amanhecer, reconhece-se que o território não é apenas espaço físico, mas um ser vivo que participa da construção identitária, espiritual e coletiva do grupo. Esse modo de existir produz geografias que emergem do corpo, da ancestralidade e da convivência com a natureza, revelando formas de conhecimento que desafiam as leituras coloniais do mundo. Nesse contexto, o estudo busca compreender de que maneira as práticas de cosmobiointegração contribuem para tecer uma Geografia Indígena alinhada aos valores civilizatórios e aos legados espirituais do povo Guerém. Tem como objetivos evidenciar esses valores, investigar como eles fundamentam a noção de cosmobiointegração e propor uma perspectiva geográfica que se enraíze nas experiências e modos de vida da comunidade. A pesquisa é desenvolvida na comunidade Tukum Mirim, localizada no Território Guerém, situado geograficamente no município de Valença, Bahia. Adota abordagem qualitativa, caráter exploratório e participação direta do pesquisador, utilizando princípios da cartografia social para acompanhar e interpretar as práticas cotidianas. Essa metodologia permite compreender o território a partir da vivência, das memórias e das relações que organizam a vida comunitária. Espera-se que o estudo contribua para fortalecer o pertencimento étnico e identitário, valorizar as cosmologias originárias e propor leituras geográficas que reconheçam a Terra como entidade viva. A investigação indica que as práticas corporais e espirituais do povo Guerém constituem uma forma própria de produzir conhecimento sobre o território, revelando que a Geografia Indígena floresce do diálogo entre ancestralidade, corpo e chão.

Palavras-Chave: cosmobiointegração; Geografias Indígenas; povo Guerém.

COSMOBIOINTEGRACIÓN DEL CUERPO-TERRITORIO DEL PUEBLO GUERÉM DE TUKUM MIRIM: ENRAIZANDO GEOGRAFÍAS INDÍGENAS

Resumen

¹ (Mestrando em Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação / UEFS; Feira de Santana, Bahia; Brasil; tukumguerem@gmail.com).

² (Pós-Doutor em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ; Universidade Estadual de Feira de Santana / UEFS; Feira de Santana, Bahia; Brasil; eomiranda@uefs.br).

La investigación presenta la cosmobiointegración como fundamento para comprender la relación entre el cuerpo y el territorio en el pueblo Guerém de Tukum Mirim. A partir de las experiencias observadas en la comunidad, especialmente en las prácticas cotidianas de las mujeres que se integran a la tierra al amanecer, se reconoce que el territorio no es solo un espacio físico, sino un ser vivo que participa en la construcción identitaria, espiritual y colectiva del grupo. Esta forma de existir produce geografías que emergen del cuerpo, la ancestralidad y la convivencia con la naturaleza, revelando formas de conocimiento que desafían las lecturas coloniales del mundo. En este contexto, el estudio busca comprender de qué manera las prácticas de cosmobiointegración contribuyen a tejer una Geografía Indígena alineada con los valores civilizatorios y los legados espirituales del pueblo Guerém. Sus objetivos son evidenciar estos valores, investigar cómo fundamentan la noción de cosmobiointegración y proponer una perspectiva geográfica que se arraigue en las experiencias y modos de vida de la comunidad. La investigación se desarrolla en la comunidad Tukum Mirim, ubicada en el Territorio Guerém, situado geográficamente en el municipio de Valença, Bahía. Adopta un enfoque cualitativo, de carácter exploratorio y con la participación directa del investigador, utilizando principios de cartografía social para acompañar e interpretar las prácticas cotidianas. Esta metodología permite comprender el territorio a partir de las experiencias, los recuerdos y las relaciones que organizan la vida comunitaria. Se espera que el estudio contribuya a fortalecer la pertenencia étnica y la identidad, a valorizar las cosmologías originarias y a proponer lecturas geográficas que reconozcan la Tierra como una entidad viva. La investigación indica que las prácticas corporales y espirituales del pueblo Guerém constituyen una forma propia de producir conocimiento sobre el territorio, revelando que la Geografía Indígena florece del diálogo entre la ancestralidad, el cuerpo y la tierra.

Palabras claves: cosmobiointegración; geografías indígenas; pueblo guerém.

1. Introdução

Por muito tempo eu não compreendia a forma como mãinha e as moradoras da comunidade Tukum Mirim se relacionavam com a Terra. Achava estranho ver aqueles corpos despertarem ao nascer do sol, em sobressalto, como se os primeiros raios, ao tocarem o sereno nas folhas das árvores, as chamassem. Num só gesto, elas se lançavam como ventania para fora da cama, punhadas com suas enxadas e facões, e se misturavam às folhas, às plantas, à terra do quintal — até se tornarem invisíveis, confluindo-se com o próprio chão. Durante muito tempo, eu lia o mundo com a lente embaçada da ciência colonial. Não compreendia a circularidade do ritual que mãinha e as mulheres da comunidade reflorestavam diariamente com seus corpos — corpos que germinam sentido, que se refazem na comunhão com o barro, com o orvalho, com o sopro do amanhecer. São corpos que não têm medo de se desnudar, de se envolver, de rasgar a pele que nunca coube às suas existências. Corpos que produzem geografias outras, tecidas pelo protagonismo de suas ancestralidades, onde o território não é um recorte, mas um ser — vivo, respirante, sensível. Rasgar a humanidade que estava embutida nas minhas sensibilidades de mundo não foi simples. Eu precisei desaprender o mapa que o Ocidente desenhou sobre mim, para aprender, com mãinha, a cartografar com os pés. Assim, como ensina o parente Ailton Krenak (2022), é preciso suspender o céu que desabou sobre nossas cabeças e reaprender a sonhar com a Terra. Mãinha e as moradoras da comunidade, nuas, com panos na cabeça que acalmam seus crespos cabelos-cipós, com os pés territorializados pela lama, pelo barro, pela terra do quintal, e com as enxadas e facões que já se tornaram extensão de seus corpos, nos ensinam que cuidar da Terra é cuidar de si. Elas são as donas da nossa morada porque, como diz a parenta Jamile Lima-Payayá (2023), seus corpos são o sentido radical de casa. A nossa casa é o chão, é a terra, é o húmus que nos sustenta. Por isso, mãinha e as moradoras de Tukum Mirim vivem cosmobiointegradas — entrelaçadas na dança da vida, onde corpo e território não se separam, pois ambos respiram a mesma ancestralidade. A cosmobiointegração, nesta pesquisa, é compreendida como a fusão entre corpo, território, espiritualidade e ancestralidade, rompendo com os binarismos ocidentais (natureza/cultura, humano/não humano). Trata-se de uma experiência radical de envolvimento com a terra – que perpassa os sentidos da cosmopercepção (Oyèwùmí 2018), e da biointeração (Nego Bispo, 2023) – mediada por

práticas bioculturais, memórias e valores civilizatórios do povo Guerém que são experienciados e vividos cotidianamente na comunidade de Tukum Mirim. Enraizada no legado ancestral do povo Guerém, esta pesquisa germina a seguinte problemática: de que forma a cosmobiointegração do Povo Guerém de Tukum Mirim pode contribuir para tecer uma Geografia Indígena? E floresce com o objetivo de compreender como a cosmobiointegração do Povo Guerém de Tukum Mirim contribui para a tessitura de uma Geografia Indígena, comprometida com os valores civilizatórios e os legados espirituais do povo. Os objetivos específicos brotam para: Evidenciar os valores civilizatórios e o legado do Povo Guerém de Tukum Mirim; Investigar as contribuições do Povo Guerém para forjar a perspectiva conceitual da cosmobiointegração; propor uma Geografia Indígena que se enraíze nos marcadores civilizatórios do Povo Guerém de Tukum Mirim. Para isso, adota-se uma abordagem qualitativa, exploratória e participante, sustentada pelos princípios da cartografia social reinterpretada a partir de uma perspectiva indígena e decolonial. Nesse caminho, ouvir os corpos-territórios (Miranda, 2020), considerar o tempo ancestral e reconhecer os saberes espirituais como modos legítimos de produzir conhecimento tornam-se elementos estruturantes da metodologia. A pesquisa rejeita a lógica colonial que historicamente transformou povos originários em objetos de estudo. Em seu lugar, propõe um movimento de aproximação sensível, oralizado e horizontal, no qual, eu, filho do território caminho junto às moradoras de Tukum Mirim, acompanhando seus gestos cotidianos que dançam com a terra. Assim, a metodologia se orienta por uma ética da escuta, da partilha e da corresponsabilidade com os mundos que se deseja compreender. A cartografia social, nesse contexto, deixa de ser apenas ferramenta: torna-se gesto político, prática de vida e modo de honrar ancestralidades que persistem no território Guerém. A pesquisa será realizada na comunidade Tukum Mirim, Território Guerém, em Valença, Bahia, tendo como campo de trocas as moradoras da comunidade, especialmente mulheres que guardam memórias, saberes e práticas que sustentam a cosmobiointegração. O desenho metodológico se organiza em cinco movimentos articulados. O primeiro movimento consiste no enraizamento teórico, com levantamento de produções sobre geografias indígenas e epistemologias não ocidentais, priorizando obras de pesquisadoras indígenas, afro-brasileiras e autoras comprometidas com perspectivas ancestrais. O objetivo é construir um referencial que dialogue com os valores civilizatórios Guerém. O segundo movimento, “escrita narrativa e memória ancestral”, busca acessar as minhas vivências corporais e espirituais enquanto corpo-território Guerém. Para isso, faço uso de técnicas como diário de campo, registro oral, desenhos, relatos sensoriais e poéticas ancestrais, conduzidas por questões sobre identidade, pertencimento ancestral. Esse processo permite revisitar experiências bioculturais e compreender sua relação com o conceito de cosmobiointegração. O terceiro movimento envolve a escuta comunitária e a cartografia social, por meio de rodas de conversa, gravação das falas (com consentimento), mapas afetivos, desenhos, músicas, rituais e práticas bioculturais. Busca-se construir cartografias simbólicas e espirituais do território, revelando como corpo, terra e ancestralidade se interligam na vida Guerém. O quarto movimento compreende a análise dos currículos dos cursos de Geografia de universidades públicas da Bahia, identificando a presença de epistemologias indígenas e leis relacionadas às histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas, bem como possíveis silenciamentos e epistemicídios curriculares. Por fim, o quinto movimento, dedicado à sistematização e devolutiva, organiza os dados em eixos temáticos e retorna à comunidade os frutos da pesquisa por meio de relatórios, conversas, mapas e materiais acessíveis. A pesquisa afirma que não há neutralidade no fazer científico: caminhar com o povo Guerém é também reflorestar epistemologias, construir vínculos e aprender com os corpos-terra que ensinam modos de existir que resistem, curam e encantam.

3. Conclusões

Embora ainda em andamento, a pesquisa evidencia que a cosmobiointegração do povo Guerém de Tukum Mirim constitui um caminho promissor para a construção de uma Geografia Indígena comprometida com os valores civilizatórios, espirituais e bioculturais da comunidade. Os movimentos iniciais têm demonstrado que os saberes que emergem do corpo-território, das práticas cotidianas e das memórias ancestrais oferecem fundamentos sólidos para reorientar o pensamento geográfico, deslocando-o das perspectivas coloniais para formas de conhecer enraizadas no chão, no cuidado e na reciprocidade com a terra. As etapas desenvolvidas até o momento apontam vantagens importantes, como o fortalecimento do diálogo horizontal com a comunidade, a possibilidade de produzir cartografias sensíveis e o reconhecimento de epistemologias que historicamente foram silenciadas. A abordagem participante e a cartografia social, reinterpretadas por perspectivas indígenas e afro-brasileiras, têm se mostrado metodologias férteis para acessar saberes corporais, espirituais e narrativos que escapam aos instrumentos científicos hegemônicos. Entretanto, a pesquisa também enfrenta limitações inerentes ao trabalho com temporalidades ancestrais e dinâmicas comunitárias, que exigem respeito a ritmos, silêncios e processos que não se submetem às pressões acadêmicas. Além disso, o aprofundamento das análises curriculares e a sistematização final dependem da continuidade do trabalho de campo e da participação constante da comunidade. Mesmo em construção, os caminhos percorridos já permitem vislumbrar aplicações significativas para a educação, para a reestruturação de currículos universitários e para o fortalecimento das identidades territoriais. A pesquisa também pode contribuir com práticas de educação decolonial, programas de formação docente e ações que promovam o reflorestamento do pensamento a partir de saberes originários. Para as etapas futuras, recomenda-se o aprofundamento das cartografias espirituais, a ampliação das rodas de conversa com anciãs e guardiãs do território, o refinamento da análise dos currículos das universidades baianas e a expansão do diálogo com experiências de outros povos indígenas e comunidades afro-brasileiras. Assim, mesmo sem conclusões definitivas, a pesquisa reafirma sua relevância ética, política e epistemológica, abrindo caminhos para que a academia aprenda a andar com o território, e não sobre ele.

Referências

- GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- GUERÉM, C. É. C. P. A. D. Manifesto “O Chamado à Retomada: em defesa do patrimônio Guerém”. In: *Racismo Ambiental*. 05 de maio de 2021. Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/2021/05/05/manifesto-o-chamado-a-retomada-em-defesa-do-patrimonio-guerem/>>. Acesso em: 05 jul. 2025.
- KAYAPÓ, A. N. K. 1; LIMA-PAYAYÁ, J. S; SCHUBERT-TUPINAMBÁ, A. M. P. *Wayrakuna: Polinizando a vida e semeando o bem viver*. Coleção Retomadas, 2023.
- KRENAK, A. *Futuro Ancestral*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KOPENAWA, D; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIMA-PAYAYÁ, J. S. Docência Payayá: educação indígena e geográfica para a alteridade. *Caderno de Geografia, Minas*, v. 33, p. 443-450, 2023. Disponível em: <https://smtpgw.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/30333>. Acesso em: 03 jul. 2025.

MIRANDA, E. O. *Decolonialidade Afro-Brasileira: A educação para a diferença*. Salvador: EDUFBA, 2025.

_____. *Corpo-território e Educação Decolonial: proposições afro-brasileiras na investigação da docência*. Salvador: EDUFBA, 2020.

MONDARDO, M. Geografias Indígenas e Territórios Ancestrais, v. 12, n. 26, p. 145-176, 2023. *Revista Tocantinense de Geografia*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/369027323_GEOGRAFIAS_INDIGENAS_E_TERRITORIOS_ANCESTRAIS. Acesso em: 15 jul. 2025.

MUNDURUKU, D. *Mundurukando*. São Paulo: Editora do Autor, 2010.

OYĚWÙMÍ, O. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. *Novos Olhares Sociais*, v. 1, n. 2, p. 294-317, 2018. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/index.php/novos-olhares-sociais/article/view/4492/2306>. Acesso em: 20 maio. 2025.

SANTOS, A. B. Somos da Terra. In: CARNEVALL, Felipe; et al. (Orgs.). *Terra: uma antologia afro-indígena*. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora, 2023.

_____. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ed Editora/PISEAGRAMA, 2023a.

SMITH, L. T. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Curitiba: Ed. UFRP, 2018.

VIEIRA, R. A. *Nesse Lugar Tem Aldeia: os conhecimentos tradicionais e a retomada da identidade étnica Guerém*. Dissertação de Mestrado, Programa de pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, Universidade Estadual do Sudeste da Bahia-UESB. Jequié, 2023.

XAKRIABÁ, Célia. Amansar o giz. In: CARNEVALL, Felipe; et al. (Orgs.). *Terra: uma antologia afro-indígena*. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora, 2023.